

## AS LEITURAS DAS GAROTA”: práticas de leitura das personagens da coluna Garotas da revista “O Cruzeiro” durante os anos dourados (1950-1964)<sup>1</sup>

A noção de leitura está em todos os capítulos, porque se pode ler um ritual ou uma cidade, da mesma maneira como se pode ler um conto popular ou um texto filosófico. O método de exegese pode variar, mas, em cada caso, a leitura é feita em busca do significado – o significado inscrito pelos contemporâneos no que quer sobreviva de uma noção de mundo. Tentei portanto, ir fazendo a minha leitura do século XVIII e anexei textos às minhas interpretações, de maneira que meu próprio leitor possa interpretar esses textos e discordar de mim. Não espero ter a última palavra e não tenho a pretensão de totalidade. Este livro não fornece um inventário de idéias de todos os grupos sociais e regiões geográficas do Antigo Regime. Também não fornece um estudo de casos típicos, porque não acredito que exista algo como o camponês típico ou um burguês representativo.<sup>2</sup>

Darnton pesquisa e escreve acerca da sociedade de camponeses franceses do século XVIII através de textos, de narrativas populares, como a de um massacre de gatos ou a versão primitiva de “Chapeuzinho Vermelho”. Estas narrativas fornecem uma maneira de entrar e de entender o pensamento do século XVIII na França. Entender como as pessoas comuns pensavam o mundo “Não transformar em filósofo o homem comum, mas ver como a vida comum exigia uma estratégia”<sup>3</sup>. É o homem comum do século XVIII o objeto estudado pelo historiador, e a sua forma de pensar o mundo, o significado que ele busca incessantemente em suas leituras, nas quais ele acredita que “Operando ao nível corriqueiro, as pessoas comuns aprendem a “se virar” - e podem ser tão inteligentes, à sua maneira, quanto os filósofos”<sup>4</sup>.

Diferentemente de Robert Darnton não pesquiso o camponês da França no século XVIII. Meu objeto de estudo neste trabalho é investigar uma parte da sociedade brasileira dos *anos dourados* (1950–1964). Composta por mulheres de classes médias e altas dos grandes centros urbanos brasileiros de então. Pretendo entrar e entender o comportamento esperado e as normas difundidas no mundo em que viviam aquelas mulheres através de uma coluna de humor editada semanalmente na famosa revista *O Cruzeiro*<sup>5</sup>. Através da leitura e posterior interpretação das colunas procuro entender um pouco do que pensavam, com agiam e o que faziam aquelas mulheres. Sempre com o cuidado de situar as personagens da coluna como o ideal de mulher de seus criadores.

---

<sup>1</sup> Trabalho vinculado ao Projeto de pesquisa SABERES IMPRESSOS. Imagens de Civilidade em textos escolares e não-escolares: composição e circulação (décadas de 50 à 70 do século XX) Cnpq 478925/2006-9. Coordenado pela Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha.

<sup>2</sup> DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*, e outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 5º edição, 2006. p. XVI.

<sup>3</sup> Id. Ibid, p. XIV.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> A revista *O Cruzeiro* circulou semanalmente no Brasil de 1928 até 1975. A revista de maior circulação nacional em meado do século XX chegou a ter uma tiragem de até 1 milhão de exemplares em edições especiais. Todavia em edições normais sua tiragem chega a superar os 740 mil exemplares na década de 1950, época na qual a população brasileira não ultrapassava os 50 milhões de habitantes. Cf. NETTO, Alcioly. *O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998

Aqui não analiso textos sobre massacre de gatos, contos populares, ou “versões primitivas” de “contos de fadas”. Mas a coluna *Garotas*<sup>6</sup>, que trazia semanalmente engraçadas histórias da vida cotidiana de uma menina/mulher, suas personagens. Na coluna são contadas histórias com um enredo simples, que poderiam ser vividas por boa parte de suas leitoras. É a partir destas histórias, e das ilustrações da coluna, que pretendo penetrar nos *anos dourados*. Sendo a coluna formadora de um imaginário, ao longo de seus textos e imagens ditam-se normas de comportamentos, condutas e padrões estéticos, o que se pode chamar de “regras de civilidade”<sup>7</sup>. Busco estas normas ditadas e o significado reverberado por elas.

Para analisar e interpretar a coluna *Garotas* torna-se primeiro necessário entender um pouco da revista na qual ela circulou. Pois segundo Roger Chartier

Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado nem dos artigos que o acompanham, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende dos elementos que não estão presente no próprio artigo, mas que dependem do conjunto dos textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal. Às vezes, a proliferação do universo textual acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação.<sup>8</sup>

Na pesquisa que antecedeu este trabalho<sup>9</sup> monográfico a leitura das fontes, coluna *Garotas*, aconteceu durante meses na Biblioteca Pública de Santa Catarina. Desta maneira a minha leitura da coluna se deu na revista na qual ela foi originalmente publicada, sendo a leitura da coluna acompanhada por uma leitura panorâmica da revista com os demais artigos e colunas nela contidos. Assim que escrever um pouco acerca do suporte, lugar onde era dado a ler, de minhas fontes se faz necessário para a melhor compreensão deste trabalho e de sua análise. Muitos dos elementos utilizados na análise não estão na própria coluna *Garotas*, e sim no conjunto do impresso de *O Cruzeiro*<sup>10</sup> em seu projeto editorial e intelectual.

A Revista *O Cruzeiro* começa a ser editada no ano de 1928, e somente no ano de 1975 se cessam suas edições. A revista de maior circulação nacional em meado do

<sup>6</sup> A coluna *Garotas* ocupou duas páginas da revista *O Cruzeiro* durante 26 anos, de 1938 até 1964. A coluna era desenhada por Alceu Penna ao longo dos quase 30 anos teve textos de diferentes autores. Cf. JUNIOR, Gonçalo. *Alceu Penna e as Garotas do Brasil: Moda e Imprensa*. São Paulo: CLUQ (Clube dos Quadrinhos), 2004.

<sup>7</sup> A civilidade é entendida aqui como uma experiência histórica construída, representaria um esforço de codificação e controle dos comportamentos para conter sensações e movimentos do corpo e da alma. Cf. CUNHA, Maria Teresa Santos. *Projeto Saberes Impressos. Imagens de Civilidade em textos escolares e não- escolares: composição e circulação ( décadas de 50 a 70 do século XX)* Cnpq 478925/2006-9. Departamento de História/UDESC – versão escrita, 2006. Do latim *civitas* indicando o conjunto de cidadãos livres *civis* reunidos na cidade e que precisavam interiorizar códigos sociais para fazer frente à barbárie e à ignorância. Cf. GUERRENÁ, J. L. *El alfabeto de las buenas maneras. Los manuales de urbanidad em la España Contemporânea*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipéres, 2005. p.30.

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p. 128.

<sup>9</sup> Este trabalho está ligado à pesquisa *Saberes impressos. Imagens de Civilidade em textos escolares e não- escolares: composição e circulação ( décadas de 50 a 70 do século XX)*. Cnpq 478925/2006-9. Coordenada pela Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha/ Departamento de História/UDESC.

<sup>10</sup> Na bibliografia consultada nesta pesquisa consta que a revista recebeu o artigo “O” diante de seu título somente dois anos após seu lançamento. Sendo antes chamada somente de *Cruzeiro*. Cf. NETTO, Alcioly. *O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

século XX chegou a ter uma tiragem de até um milhão de exemplares em edições especiais. Todavia em edições normais sua tiragem chegou a superar os 740 mil exemplares na década de 1950, época na qual a população brasileira não ultrapassava os 50 milhões de habitantes. Assim “No Brasil da década de 50, a revista *O Cruzeiro* se destacava como um dos meios de comunicação mais importantes da época.”<sup>11</sup>.

A coluna, assim como a própria revista semanal, é marcada por um desejo de ser moderno<sup>12</sup>. Luciana Fornazari<sup>13</sup> relata que no início do século XX a imprensa tenha sido porta voz da necessidade de modernização pela normalização das condutas e pela reorganização do espaço público. Na segunda metade deste século a modernidade vem marcada, também, por uma normalização de condutas, mas agora estas condutas estariam fortemente atreladas a uma nova maneira de ser modernos, uma nova organização da sociedade e dos centros urbanos, uma nova maneira de consumir produtos modernos.

Esta modernidade, do segundo pós-guerra, para o sociólogo Renato Ortiz é marcada no Brasil por uma espécie de segunda revolução industrial, vivida principalmente no governo de Juscelino, pois o capitalismo atingia formas mais avançadas de produção. O sociólogo afirma que essas transformações abrangem grande parte da sociedade brasileira criando um mercado de bens materiais e “... de forma correlata, se desenvolve um mercado de bens simbólicos que diz respeito a área da cultura”<sup>14</sup>. As transformações ocorridas no país, naquele momento histórico, ocasionariam um aumento significativo da classe média e uma crescente concentração desta nos centros urbanos, o que permite a criação de um espaço cultural “... onde bens simbólicos passam a ser consumidos por um público cada vez maior.”<sup>15</sup> O cinema, o teatro, os clubes, começam a ser consumidos como bens simbólicos pela sociedade dos *anos dourados* e configuram-se novos lugares de sociabilidade de uma dita sociedade moderna. O Período que vai de 1945 até 1964 é caracterizado por um “... momento de grande efervescência e de criatividade cultural... O Brasil desses anos vive um processo de renovação cultural”<sup>16</sup>. Nas décadas de 1950 e 1960 o país passa a se enxergar e a desejar ser moderno, e de fato o cenário nos grandes centros urbanos vão aos poucos sendo transformados. “Durante o período que estamos considerando, ocorre uma formidável expansão, em nível de produção, de distribuição e de consumo da cultura...”<sup>17</sup>.

A revista *O Cruzeiro* através de suas páginas passa uma idéia de que o país, as pessoas, os costumes, as imagens, enfim, a vida não é mais a mesma. O turbilhão da vida moderna alcançaria as cidades brasileiras de então. Para Marshall Berman a

---

<sup>11</sup> BASSANEZI, Carla. e URGINI, Lesley Bombonatto. *O Cruzeiro e as Garotas*. In: Cadernos Pagu (4) 1995, p. 243.

<sup>12</sup> O moderno é entendido aqui como foi percebido durante as décadas de 1950 e 1960 no Brasil. A modernidade era associada a idéia de progresso. Cf. FIGUEIREDO, Anna Cristina C. Morais. “*Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*”: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: Huatee, 1998, p. 31.

<sup>13</sup> FORNAZARI, Luciana. FORNAZARI, Luciana. *Gênero em Revista: Imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós guerra*. Florianópolis: UFSC, 2001 (Dissertação de mestrado em História).

<sup>14</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2º edição. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.81.

<sup>15</sup> Id., Ibid. p. 83.

<sup>16</sup> Id. Ibid. p. 101 e 102.

<sup>17</sup> Id., Ibid. p.121.

modernidade pode ser considerada este turbilhão que desintegra e muda o ritmo da vida em sociedade.

O Turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes: descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo, em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seus desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; ... No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se “modernização”<sup>18</sup>

As *Garotas* são meninas/mulheres mais ousadas, relevam um novo habito de ser e comportar-se nos centros urbanos, através das engraçadas historietas elas ao mesmo tempo difundem ideais femininos mais modernos, ditam regras de conduta para suas leitoras e seus leitores. Uma mulher agora inserida em uma sociedade mais urbana, pois a coluna é direcionada para um publico jovem, urbano e de elite. “Eram uma série de regras que reforçavam a necessidade feminina”<sup>19</sup>. Estas regras de conduta são passadas sutilmente através das imagens e dos textos, em todas as colunas percebe-se a presença de hábitos de civilidade, embora apareçam de forma transversalizada.

A coluna, considerada a expressão da vida moderna no Brasil, apresentava semanalmente grupos de belas mocinhas, vestidas segundo as últimas tendências de moda conversando sobre os mais diversos assuntos. Desenhadas por Alceu Penna e com textos de diversos autores a coluna ditou modas e costumes, criou um imaginário acerca do feminino que acaba por reverberar no comportamento de gerações de homens e de mulheres. As *Garotas* “endiabradadas e irquietas” foram ao jóquei club, tomaram banho de mar, foram ao cinema, namoraram e também leram. O trabalho busca analisar e problematizar as colunas publicadas acerca do livro e da leitura durante os anos dourados (1950-1964).

O velho Schopenhauer, que dizia serem as mulheres animais de cabelos longos e idéias curtas, não conheceu, positivamente, uma garota! As garotas tem cabelos curtos e idéias longas e boas, e elas garantem que podem passar horas debaixo do secador sem que isto lhes abafe ou queime as idéias ou queime as circunvoluções cerebrais.<sup>20</sup>

A coluna intitulada *As Garotas lêem* circulou na revista *O Cruzeiro* de 30 de agosto de 1958. Seria uma coluna, entre várias, que abordaria como tema central a

<sup>18</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.16.

<sup>19</sup> SERPA, Leoni. op.cit. p.231.

<sup>20</sup> Coluna Garotas – *As Garotas lêem*. Revista O Cruzeiro – edição de 10 de março de 1956. Acervo de obras raras da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

leitura das personagens da coluna, enfim uma leitura feminina. Nesta parte do capítulo analisam-se duas colunas que tratam exclusivamente sobre a leitura de livros, sendo estas *AS Leitura das Garotas* de 1956 e *As Garotas lêem* de 1958.

A coluna de humor referente à vida de uma jovem mulher solteira trás ao longo de seus textos e de suas imagens normas e padrões a suas leitoras e leitores. Por se tratar de uma coluna “moderna”, com a imagem de uma mulher moderna e inovadora “direcionada para um público jovem e de elite”<sup>21</sup> ela acabava não só em mostrar os costumes e as posturas dessas mocinhas como também em prescrever padrões de condutas para suas leitoras, padrões e condutas que passariam a ser apropriados por diferentes maneiras.

Na leitura das colunas acerca da leitura podemos perceber que a ligação da mulher com o livro e principalmente com romances.

Não é que lhes queiramos desvendar os arquivos implacáveis, mas a verdade é que as garotas são francamente da leitura. Variando embora de gênero e número, as pequenas não prescindem das letras, mesmo que seja para adormecer...

Nos intervalos mais curtos,  
nas pausas de travessuras  
as garotas tem seus surtos  
de culto a literatura.

Umas lêem revistinhas  
outras Macedo ou Dely  
enquanto as mais sabidinhas  
se empolgam no “Guarani”

Mas há livros modernos,  
de passagens atrevidas  
ora bruscos, ora ternos,  
lido quase às escondidas.<sup>22</sup>

No trecho retirado da coluna de *As leituras das Garotas* fixa a idéia de uma mulher leitora, de revistas, livros de romance e também leitoras de uma literatura “proibida”, “atrevida”, como diria a própria coluna, provavelmente estas referiam-se a livros com algum teor pornográfico. Um dos fatores que chama bastante relevante em todas as colunas de leitura é a associação da mulher com o romance, segundo Maria Teresa Santos Cunha “a associação mulher/romance está muito presente no imaginário ocidental”<sup>23</sup>. Esta associação é explicada pela historiadora como

... uma ligação como fato que, tradicionalmente, se atribuía à mulher burguesa a dimensão do privado, da casa da intimidade e, por conseguinte, com mais disponibilidade de tempo para a leitura de romances. É comum também ligá-la ao mundo dos afetos, dos sentimentos e emoções e assim, os

<sup>21</sup> SERPA, Leoní. op.cit. p.231.

<sup>22</sup> Coluna Garotas – As leituras das Garotas . Revista O Cruzeiro – edição de 30 de agosto de 1958. Acervo de obras raras da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

<sup>23</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. op. cit. p. 25.

livros – romances, essencialmente – ao trabalharem com as emoções, com a intimidade, encontravam nelas seu público preferencial.<sup>24</sup>

Roger Chartier<sup>25</sup> escreve que as primeiras representações de leitura, são as que mostram a leitura no foro do privado “(...) da intimidade subtraída ao público, do isolamento intenso, afetivo intelectual ou espiritual.”<sup>26</sup> As representações de leituras feitas por pintores do século XVIII eram sobretudo femininas, no espaço privado mulheres liam confortavelmente instaladas. Um famoso quadro desta época referente à leitura é a tela *A Moça lendo* de Fragonard. “... confortavelmente instalada lê com uma atenção comportada e aplicada um livro elegantemente segurado na mão direita.”<sup>27</sup>

A leitura é ilustrada com uma mulher, com expressão serena, gestos delicados no âmbito do privado, uma mobília rica, que marca uma intimidade feminina burguesa. Seria este um exemplo de imaginário que se construiu no ocidente acerca da leitura de romances. Uma espécie de “fuga do mundo”. Segundo Chartier muitas outras telas inscrevem o ato da leitura com as mesmas letras, ou melhor, com as mesmas pinceladas.

As representações de Alceu Penna sobre a leitura, são bastante semelhantes das analisadas por Roger Chartier, as telas de Fragonard, do século XVIII. Nas colunas as *Garotas* são representadas lendo, também, no foro do privado, confortavelmente instaladas entre almofadas. As colunas, raramente, apresentam um cenário, um pano de fundo, as *pin-ups* geralmente são desenhos com poucos elementos, que nos especifique bem o lugar na qual se encontram. Nesta imagem, por exemplo, aparecem poucas mobílias e detalhes do cenário. A representação de leitura da coluna *A leitura das Garotas* de 1959, assemelha-se bastante com as dos pintores do século

XVIII. A leitura é representada como uma imagem feminina, que se encontra no âmbito do privado, estando encostadas em almofadas. Apesar desta imagem não mostrar as mobílias, pelas roupas da personagem, podemos perceber que esta faz parte também de uma elite da época. As expressões serenas de Fragonard sedem lugar a uma expressão

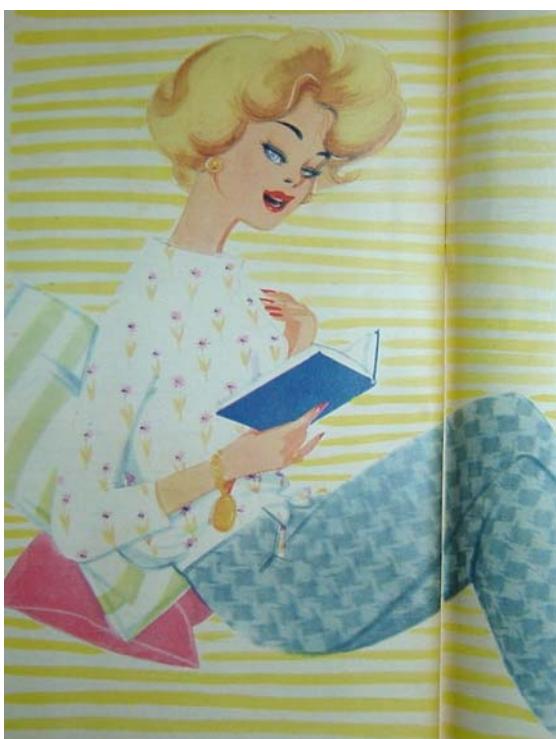


Ilustração 2: *E as Garotas lêem*, 1959.  
Fonte: Enciclopédia Mirador Internacional

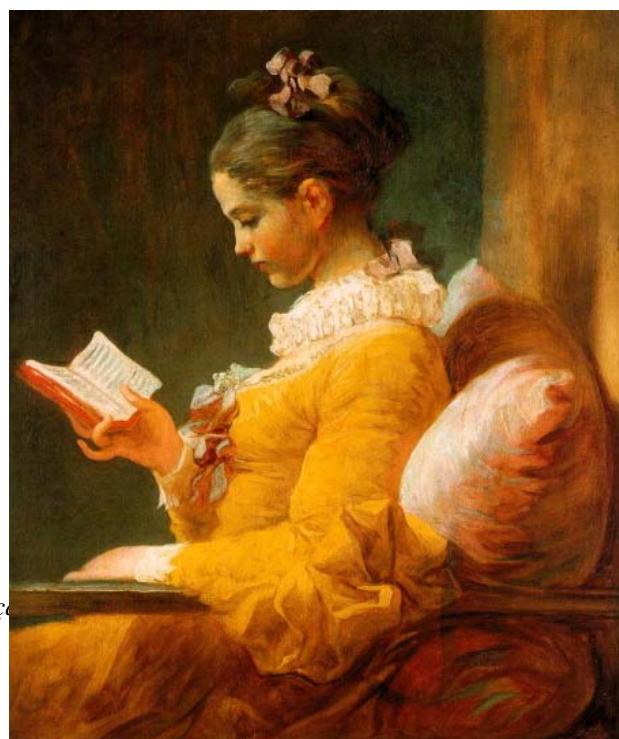


Ilustração 3: *A Moça lendo*. Fragonard, 1776.  
Fonte: Enciclopédia Mirador Internacional

atenciosa, surpresa, mas atenciosa na leitura. O livro é seguro de uma forma bastante similar, elegantemente com a mão direita.

Através das imagens não só posturas de leituras vão sendo ditadas, mas também tendências de moda e um padrão de estética. Os cabelos, em boa parte das colunas eram curtos, as unhas feitas e pintadas com esmaltes vermelhos, os acessórios e roupas ditavam modas e maneiras de vestir-se. O próprio ato de leitura é ditado. Diferentemente dos livros com o título específico de *Manual de civilidade na coluna* não se escreve que as mulheres devem praticar a leitura, mas esta informação está presente em seus textos e em suas imagens. Ao longo dos textos podemos perceber que a leitura é fixada e cultuada como uma prática de vida de uma mulher moderna.

Em Manuais de civilidade<sup>28</sup> contemporâneos a esta pesquisa, décadas de 1950 e 1960, podemos perceber que a leitura também é cultuada e fixada com uma maneira de aprender fora da escola, de ampliar o conhecimento. No manual *Aprenda as boas maneiras* de Dora Maria, cuja primeira edição é datada de 1956, a leitura é destacada no subtítulo escola. Neste manual a leitura é também apontada como importante para o comportamento em sociedade.

Além de aprender na escola, todos deverão fazê-lo fora dela; e o meio mais fácil será através da leitura, pois um livro não apenas deleita ou diverte, mas também vale como uma ligação que ampliará os nossos conhecimentos.

Em sociedade, a leitura exerce grande influência.

Quem lê, embora se restrinja a um pequeno currículo de amizades, embora pertença a um meio humilde, saberá como comportar-se em todas as ocasiões e encontrará melhor saída no trato para com seus semelhantes.<sup>29</sup>

Na coluna assinada por Ilka Soares, cuja *ghost-write* era Clarisse Lispector, no jornal *Correio da Manhã*<sup>30</sup> a leitura também fora contemplada.

As mulheres deveriam ler mais? – E acreditamos ler mais e melhor. Não adianta nada que as mulheres passem a ler mais, se não procurassem ler melhor. A seleção da leitura é algo impetuoso. Do contrário, o tempo perdido na leitura de páginas medíocres não compensaria sacrificar horas de trabalho ou de repouso para no final das contas nada aprender.

<sup>28</sup> Os Manuais utilizados como fonte neste trabalho monográfico constam no acervo do projeto Tenha Modos! Educação e Sociabilidade em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1845-1950) Cnpq 402767/2004. Coordenado pela Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha e com a participação da bolsista de Cristiane Cecchin, acadêmica do curso de História/UDESC, bolsista PIBIC/Cnpq, instalado no Núcleo de Estudos Históricos – NEH da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Ler mais em A arte de bem educar: Reflexões a partir de Manuais de Civilidade e Etiqueta. CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. A arte de bem educar: Reflexões a partir de Manuais de Civilidade e Etiqueta. In: III Simpósio Internacional de História Cultural. Anais eletrônicos. CD ROM. Florianópolis-SC, 18 a 22 de setembro de 2006.

<sup>29</sup> MARIA, Dora. *Aprenda as Boas Maneiras*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1979, p. 45.

<sup>30</sup> O Correio da Manhã foi um periódico brasileiro publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1974. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Correio\\_da\\_Manh%C3%A3\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_Brasil)

Há livros para todos os gostos. Há romances, as biografias, os livros de economia, política que acreditamos não ser de grande interesse para as mulheres, os livros sobre as famílias que orientam quanto à educação dos filhos, quanto ao trato com o marido, os dois sendo altamente importantes para as mulheres.<sup>31</sup>

Na coluna *Garotas* assim como no Manual de civilidade e na coluna escrita por Clarisse Lispector percebemos que a leitura ocupa lugar de destaque nas práticas femininas. O que uma mulher lê e o que deve ler também esta contemplada nestes diferentes suportes e é alvo de preocupações e prescrições. No manual de Dora Maria é apenas frisada a importância da leitura, sem problematizar que leitura. Diferentemente a coluna do Jornal carioca *Correio da Manhã*, no qual a autora chama a atenção para o cuidado na escolha dos livros. Os romances e as biografias são colocados como uma das leituras realizada pela maioria das mulheres, sendo os livros de economia e política de pouco apresso e interesse por estas. Entretanto coloca como primordial para a leitura feminina os livros de como sobre família que oriente na educação dos filhos e na relação com seus maridos, sendo estes também manuais de civilidade e de puericultura.

Nas colunas aqui analisadas estes manuais de puericultura não são referenciados, uma vez que as personagens criadas por Alceu Penna são mocinhas essencialmente solteiras, o “estágio máximo” vivido por uma de suas personagens é o casamento, assim a partir do momento em que uma *Garota* se casa, e passa a não ser mais uma *Garota do Alceu*.

As mocinhas da coluna *As Garotas lêem* sobretudo romances, romances de M. Delly<sup>32</sup>, Macedo<sup>33</sup>, José de Alencar<sup>34</sup>. A partir da coluna *As leituras das Garotas* de 10 de março de 1956, citada nas página 77 e 78, pode-se perceber essas indicações de leitura.

A ênfase da leitura como ampliadora da aprendizagem, adquirida na escola, dos estudos e dos conhecimentos, evidencia que a mulher passa a ser reconhecida também pelo saber adquirido nos impressos lidos por ela. Este preceito também é encontrado no Manual de civilidade *Aprenda as Boas Maneiras* quando Dora Maria “Além de aprender na escola, todos deverão faze-lo fora dela; e o meio mais fácil será através da leitura, pois um livro não apenas deleita ou diverte, mas também vale como uma ligação que ampliará os nossos conhecimentos.”<sup>35</sup> Clarisse Lispector, de similar maneira,

<sup>31</sup> LISPECTOR, Clarice. *Correio Feminino e NUNES*, Aparecida Maria. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p.38.

<sup>32</sup> M. Delly era um pseudônimo de um casal de irmãos franceses chamados de Frédéric Henric Petitjean de La Rosière (1870-1949) e Jeanne-Marie Henriette Petijean de la Rosière (1875-1947) autores dos romances com histórias centradas em mulheres. Seus romances foram muito populares entre jovens de classes médias brasileiros, fazendo parte da coleção publicada pela Companhia Editora Nacional *Biblioteca das moças* (1930-1960). Ver em CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadinhas da Sedução: Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

<sup>33</sup> Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) foi um romancista, poeta, cronista literário e dramaturgo brasileiro. Sua grande importância literária está no fato de ser considerado um dos fundadores do romance no Brasil com seu livro mais famoso *A Moreninha* (1844). Sendo autor também dos livros *O moço loiro* (1844), *Os Dois Amores* (1848), *As Mulheres de Mantilha* (1870-71), entre outros. Ver em Enciclopédia Literária Unicamp.

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/EnciclopediaLiteraria/Literatura%20Brasileira%20II/0Biografiasrom/Joaquim%20Manuel%20de%20Macedo.htm>.

<sup>34</sup> José de Alencar (1829-1877) romancista brasileiro autor dos romances - *Cinco Minutos*, 1857; *O Guarani*, 1857; *A Viuvinha*, 1860; *Lucíola*, 1862. FONTE: <http://www.academia.org.br/imortais.htm>.

<sup>35</sup> MARIA, Dora. op. cit, p.45.

sinaliza esta importância quando escreve acerca da importância da seleção do que deve ser lido “As mulheres deveriam ler mais? – E acreditamos ler mais e melhor. Não adianta nada que as mulheres passem a ler mais, se não procurassem ler melhor.”<sup>36</sup> Na coluna intitulada *As garotas lêem* a prática da leitura e do conhecimento é sublinhada como importante na vida das personagens.

As garotas que passam os dias no cabeleireiro já são perigosas... O que dizer então das que passam os dias nas bibliotecas, pede seu livrinho e vai tranquilamente lê-lo em um canto. Quem não fica tranquilo é o resto dos leitores! Quem é que consegue se concentrar em Platão, tendo ao lado aquela coisinha tão bem encarnada?

As garotas raramente deixam passar uma semana sem um pulinho a uma livraria para saber das novidades que apareceram. Andando de uma estante para a outra, vendo o que há num balcão e outro elas ficam felizes.

Uma tarde dessas, um sujeito, que pensava que ele era Marlon Brando, aproximou-se de uma garota que folheava uma “História da Filosofia” e foi tentando conversar. Ela filosoficamente nem “deu bola” e ele, despeitado, perguntou:

-Está mesmo comprando livros ou é farol?

Eu sei que as mulheres cultivam muito mais a beleza do que a inteligência – E ela olhando-o com desprezo:

- Claro! Pois se há poucos homens cegos e tantos homens burros! – Deixando o rapaz engasgado ela saiu, dizendo num tom bem alto ao vendedor?

- O senhor precisa mostrar àquele cavalheiro ali a nova edição de “El Hombre Mediocre. Ingenieros deve ter escrito pensando nele.<sup>37</sup>

Neste trecho da coluna primeiramente se percebe uma mulher leitora, não só em um espaço privado, mas em biblioteca. E além de leitora é sublinhada uma *Garota* freqüentadora de bibliotecas, livrarias e consumidora de livros. Dora Maria em seu manual também sublinha a importância da aquisição de livros “Quem compra um livro, prestigia seu ator e enriquece a sua própria biblioteca com uma obra que poderá ser consultada ou relida (...)”<sup>38</sup>. Diferentemente dos manuais, a coluna não dita as regras de uma maneira clara e direta, nela não está escrito faça isso não faça aquilo, todavia presente em suas simples historietas há um ideal de mulher a ser apropriado por seus leitores e por suas leitoras. Assim podemos perceber que um ideal de mulher leitora, consumidora de livros, freqüentadora de bibliotecas é assinalado. E mais do que isso a mulher é colocada não só como uma espécie de bibelô, as *Garotas* não só escrevem, lêem, compram livros como também pensam.

---

<sup>37</sup> Coluna Garotas. As Garotas lêem.... Revista O Cruzeiro – edição de 30 de agosto de 1958. Acervo de obras raras da Biblioteca Pública de Santa Catarina

<sup>38</sup> MARIA. Dora. op. cit, 9.46.

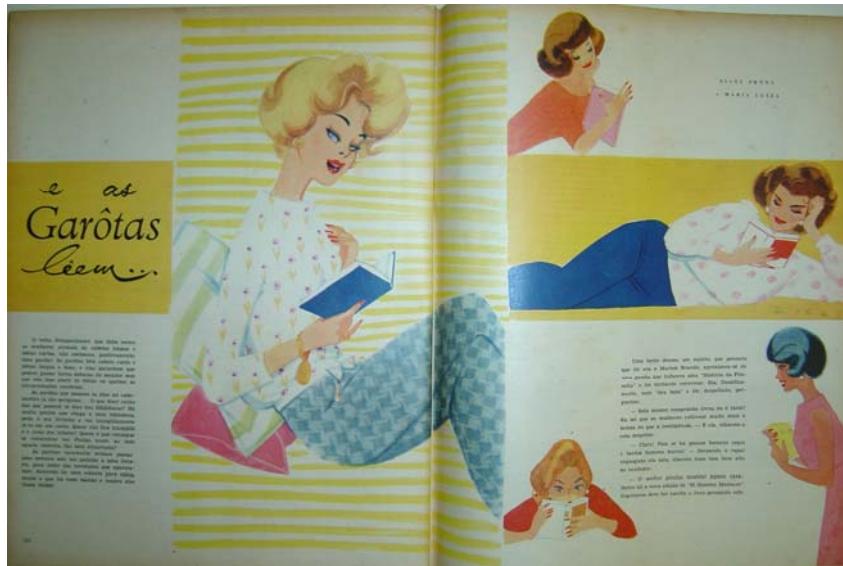


Ilustração 161 - E as Garotas lêem - 30 de agosto de 1958.

Fonte: acervo projeto Saberes Impressos



Ilustração 17 - As leituras das Garotas - 10 de março de 1956.

Fonte: acervo projeto Saberes Impressos

Referências: